

CASSANDRA CLARE

# A Cidade do Fogo Celestial

CAÇADORES DE SOMBRAS 6

Tradução de Mário Dias Correia

**LIVROS FANTÁSTICOS**

 Planeta

Para Elias  
e Jonah

## *Agradecimentos*

Aqueles que amo, sabem que os amo. Desta vez quero agradecer aos meus leitores, que me acompanharam ao longo de toda a autêntica viagem de montanha-russa que tem sido esta saga, através de *suspense* e angústia e sentimentos. Não vos trocaria por todo o esplendor do sótão de Magnus.



*Em Deus há glória: e quando o homem aspira,  
É apenas uma centelha a mais de fogo celestial.*

JOHN DRYDEN, *Absalom and Achitophel*



## Prólogo

# — Caía como chuva —

O Instituto de Los Angeles, Dezembro de 2007

No dia em que os pais de Emma Carstairs foram mortos, o tempo estava perfeito.

Mas a verdade é que o tempo estava quase sempre perfeito em Los Angeles. O pai e a mãe de Emma deixaram-na no Instituto, nas colinas que se erguem por detrás da Pacific Coast Highway, sobranceiras à imensidão azul do oceano, num límpido dia de Inverno em que o céu, onde não se via uma única nuvem, era como uma vasta abóbada anil que se estendia desde as falésias das Pacific Palisades até às praias de Point Dume.

Na noite anterior fora relatada actividade demoníaca perto das grutas da praia de Leo Carrillo, e os Carstairs tinham sido destacados para investigar. Mais tarde, Emma lembrar-se-ia da mãe a prender atrás da orelha uma madeixa de cabelos agitada pelo vento enquanto se oferecia para traçar uma runa de Destemor no marido e de John Carstairs dizer, a rir, que não tinha grande confiança nas novas runas. Preferia ficar-se pelo que estava escrito no *Livro Cinzento*, muito obrigado de todos os modos.

Naquele momento, porém, estava impaciente por se ver livre dos pais. Abraçou-os à pressa e subiu a correr os degraus do Instituto, com a mochila a saltitar-lhe entre as omoplatas enquanto, do pátio, eles lhe acenavam um adeus.

Emma adorava poder treinar no Instituto. Não só o seu melhor amigo, Julian, vivia lá como tinha sempre a sensação de estar a mergulhar no

oceano quando lá entrava. Era uma grande e sólida construção de madeira e pedra no extremo de um longo trilho de seixos que serpenteava por entre as colinas. De todas as divisões, de todos os pisos, avistava-se o oceano e as montanhas e o céu, enormes vastidões de azul e verde e ouro. O seu sonho – cuja realização, até ao momento, os pais tinham conseguido impedir – era subir ao telhado com Jules para descobrir se a vista se estendia até ao deserto, a sul.

As portas da frente reconheceram-na e cederam sem resistência ao seu toque familiar. O átrio de entrada e os pisos inferiores do Instituto estavam cheios de Caçadores de Sombras adultos, a andar de um lado para o outro. Uma reunião qualquer, calculou. Viu o pai de Julian, Andrew Blackthorn, o director do Instituto, no meio da multidão. Não querendo ser atrasada por cumprimentos, correu para o vestiário no segundo piso, onde trocou os *jeans* e a *T-shirt* que vestia pelas roupas de treino: uma camisa solta, calças largas de algodão e a peça mais importante de todas: a lâmina suspensa do ombro.

*Cortana*. O nome significava «espada curta», mas para ela não era curta. Com o comprimento do seu antebraço, era feita de metal refulgente e tinha inscritas na lâmina palavras que a faziam sempre sentir um calafrio descer-lhe pela espinha: *Sou Cortana, do mesmo aço e têmpera que Joyeuse e Durendal*. O pai explicara-lhe o que significavam quando lhe pusera a espada nas mãos pela primeira vez, tinha ela dez anos.

– Podes usá-la para treinar até teres dezoito anos, e nessa altura passará a ser tua – dissera John Carstairs, e sorria-lhe enquanto ela seguia com os dedos o contorno das palavras. – Compreendes o que significam?

Abanara a cabeça. «Aço» compreendia, mas «têmpera» não. A palavra fazia-lhe lembrar «temperamento», uma coisa que o pai estava sempre a dizer-lhe que tinha de aprender a controlar. Mas que teria isso a ver com uma lâmina?

– Conheces a história da família Wayland – dissera o pai. – Eram armeiros famosos antes de as Irmãs de Ferro começarem a forjar todas as lâminas dos Caçadores de Sombras. Foi Wayland, o *Ferreiro* que fez *Excalibur* e *Joyeuse*, as espadas de Artur e Lancelot, e *Durendal*, a espada do herói Rolando. E fizeram também esta espada, do mesmo aço. Todo o aço tem de ser temperado... sujeito a um enorme calor, quase o suficiente para fundir ou destruir o metal... para se tornar mais forte. – Tinha-a beijado no alto

da cabeça. – Os Carstairs conservam esta espada desde há gerações. A inscrição recorda-nos que os Caçadores de Sombras são as armas dos Anjos. Temperem-nos no fogo e tornamo-nos mais fortes. Quando soffremos, sobrevivemos.

Emma mal podia esperar os seis anos que faltavam para ter dezoito, quando poderia viajar pelo mundo para combater demónios, quando poderia ser temperada no fogo. Pôs a espada a tiracolo e saiu do vestiário, a imaginar como seria. Na sua imaginação, estava no alto das falésias sobre o mar, em Point Dume, a enfrentar, empunhando *Cortana*, um grupo de demónios Raum. Julian estava com ela, claro, a usar a sua arma preferida, a besta.

No espírito de Emma, Julian estava sempre presente. Conhecia-o desde que conseguia lembrar-se. Os Blackthorn e os Carstairs sempre tinham sido próximos, e Jules era apenas alguns meses mais velho do que ela; nunca vivera num mundo onde ele não estivesse. Tinha aprendido a nadar com ele no mar quando eram ambos bebés. Tinha aprendido a andar e a correr juntos. Andara ao colo dos pais dele e fora posta na ordem pelos irmãos e irmãs mais velhos dele quando se portavam mal.

E portavam-se mal muitas vezes. Tingir de azul-berrante o fofo gatinho branco da família Blackthorn – *Oscar* – fora ideia dela, quando tinham sete anos. Julian assumira as culpas, como quase sempre fazia. Ao fim e ao cabo, fizera notar, ela era filha única e ele um de sete; os pais esqueceriam muito mais depressa que estavam zangados do que os dela.

Lembrava-se de quando a mãe dele morrera, pouco depois do nascimento de Tavvy, e de como ficara a pegar-lhe na mão enquanto o corpo era cremado nos desfiladeiros e o fumo subia para o céu. Lembrava-se de que ele tinha chorado, e lembrava-se de ter pensado que os rapazes choravam de uma maneira muito diferente das raparigas, com soluços horríveis e rasgados que pareciam estar a ser puxados com ganchos. Talvez fosse pior para eles, por não deverem chorar...

– Uf! – exclamou, e recuou a cambalear. Estava tão embrenhada nos seus pensamentos que acabava de chocar com o pai de Julian, um homem alto que tinha os mesmos cabelos castanhos e desgrehnados que a maior parte dos filhos. – Desculpe, senhor Blackthorn!

Ele sorriu.

– Nunca tinha visto ninguém tão desejoso de ir para as aulas – gritou-lhe, enquanto ela corria pelo corredor.

A sala de treino era uma das suas divisões preferidas em todo o edifício. Ocupava quase um piso inteiro, e as paredes leste e oeste eram de vidro transparente. Via-se o mar azul quase em qualquer direcção para que se olhasse. A curva da costa era visível de norte para sul, e a infindável vastidão do Pacífico estendia-se na direcção do Havai.

No centro da sala de soalho de madeira polido como um espelho a instrutora da família Blackthorn, uma mulher imponente chamada Katerina, estava a ensinar os gémeos a lançar facas. Livvy seguia as instruções, obediente, como sempre fazia, mas Ty resistia, de cenho franzido.

Julian, com as suas roupas de treino leves e soltas, estava deitado de costas perto da janela do lado oeste, a conversar com Mark, que tinha o nariz enfiado num livro e fazia os possíveis por ignorar o seu jovem meio-irmão.

– Não achas que «Mark» é um nome um bocado esquisito para um Caçador de Sombras? – dizia Julian quando Emma se aproximou. – Quer dizer, se pensarmos bem, é confuso. «Põe-me uma *Marca*, Mark.»

Mark ergueu a cara do livro que estava a ler e lançou um olhar assassino ao irmão mais novo. Julian fazia rodar uma estela entre os dedos, com um ar distraído. Pegava-lhe como se fosse um pincel, um hábito que Emma não se cansava de lhe censurar. Devia-se pegar numa estela como uma estela, como se fosse uma extensão da nossa mão, não a ferramenta de um artista.

Mark deixou escapar um dramático suspiro. Com dezasseis anos, era suficientemente mais velho para achar tudo o que Emma e Julian faziam irritante ou ridículo.

– Se te incomoda, podes tratar-me pelo meu nome completo – disse.

– Mark Anthony Blackthorn? – Julian franziu o nariz. – Demora demasiado tempo a dizer. E se fôssemos atacados por um demónio? Quando eu fosse a meio do teu nome, já estavas morto.

– Em que situação salvavas *tu* a *minha* vida? – pergunta Mark. – Vê se te enxergas, fedelho!

– Podia acontecer.

Julian, que não gostou que lhe chamassem fedelho, sentou-se. Os cabelos espetavam-se-lhe da cabeça em tufo loucos. Helen, a irmã mais velha, estava sempre a atacá-lo com escovas para o pentear, mas o efeito era nulo. Tinha o cabelo dos Blackthorn, como o pai e a maior parte dos irmãos e irmãs: indomável, encaracolado, da cor de chocolate escuro. A aparência



familiar sempre tinha fascinado Emma, que era muito pouco parecida com qualquer dos pais, a menos que se contasse o facto de o pai ser louro.

Havia já meses que Helen estava em Idris com a namorada, Aline; tinham trocado anéis de família e namoravam «muito a sério», segundo os pais de Emma, o que, de um modo geral, queria dizer que passavam o tempo a trocar olhares melosos. Emma já tinha decidido que, se alguma vez se apaixonasse, nunca se deixaria cair naquelas lamechices. Sabia que o facto de serem ambas raparigas provocava algum sururu, mas não compreendia porquê, e os Blackthorn pareciam gostar muito de Aline. Era uma presença calmante, e quando estava com ela Helen ficava mais relaxada.

A actual ausência de Helen significava que não havia ninguém para cortar o cabelo a Jules, cujas pontas encaracoladas pareciam de ouro à luz do Sol que entrava na sala. A parede de vidro do lado leste dava para a escura enfiada de montes que separavam o mar de San Fernando Valley – colinas secas e poeirentas, sulcadas por ravinas e cobertas de cactos e espinheiros. Por vezes, os Caçadores de Sombras saíam para treinar no exterior, e Emma adorava esses momentos, adorava descobrir trilhos escondidos e cascatas secretas e os sonolentos lagartos alapados nas rochas perto delas. Julian tinha um jeito especial para convencê-los a treparem-lhe para a palma da mão e adormecerem enquanto ele lhes acariciava a cabeça com o polegar.

– Cuidado!

Emma encolheu-se quando a lâmina com ponta de madeira passou a voar junto à sua cabeça, bateu na janela, ressaltou e acertou na perna de Mark, que largou o livro e se pôs de pé, com uma expressão zangada. Estava tecnicamente em supervisão secundária, a apoiar Katerina, embora preferisse ler a ensinar.

– Tiberius – disse. – *Não* me atires facas.

– Foi um acidente.

Livvy colocou-se no mesmo instante entre ele e o irmão gémeo. Tiberius era tão moreno como Mark era louro, e era o único dos Blackthorn – além de Mark e Helen, que não contavam, por terem sangue dos Habitantes do Mundo-à-Parte – que não tinha os cabelos castanhos e os olhos azul-esverdeados característicos da família. Ty tinha cabelos negros e encaracolados, e olhos cinzentos cor de ferro.

– Não, não foi – disse Ty. – Apontei para ti.

Mark inspirou fundo, com teatral exagero, e passou as mãos pelos cabelos, o que os deixou espetados como puas. Tinha os olhos dos Blackthorn, cor de verdete, mas os cabelos, como os de Helen, eram de um louro tão claro que pareciam quase brancos, como tinham sido os da mãe. Dizia-se que a mãe dele fora uma princesa da corte de Seelie; tivera um caso com Andrew Blackthorn do qual tinham nascido dois filhos, que abandonara uma noite à porta do Instituto de Los Angeles antes de desaparecer para sempre.

O pai de Julian acolhera aqueles filhos meio-fadas e criara-os como Caçadores de Sombras. O sangue Caçador de Sombras era dominante, e embora não gostassem, os membros do Conselho aceitavam na Clave crianças que fossem parcialmente Habitantes do Mundo-à-Parte desde que a pele delas tolerasse runas. Tanto Helen como Mark tinham recebido as primeiras com dez anos, mas Emma bem vira que o processo era bem mais doloroso para Mark do que teria sido para um Caçador de Sombras normal. Reparara como estremecera, apesar dos esforços que fizera para o disfarçar, quando a estela lhe fora aplicada na pele. Depois disso, reparara em muito mais coisas a respeito de Mark: na maneira como a estranha forma do rosto, influenciada pela sua parte fada, era atraente e na largura dos ombros por debaixo das *T-shirts*. Não sabia por que razão reparava nestas coisas, e nem sequer podia dizer que gostasse. Fazia-a querer irritar-se com ele, ou esconder-se, com frequência ao mesmo tempo.

– Estás a olhar embasbacada – disse Julian, a espreitar para ela por cima dos joelhos das calças de treino manchadas de tinta.

Ela voltou a cabeça, arrancando-se ao devaneio.

– A olhar para o quê?

– Para Mark... outra vez. – Parecia irritado.

– Cala a boca! – sibilou Emma entredentes, e roubou-lhe a estela. Ele recuperou-a, e começaram a lutar. Emma riu enquanto rolava para longe de Julian. Treinavam juntos havia tanto tempo que lhe adivinhava todos os movimentos antes que ele os fizesse. O único problema era que tinha tendência para não se esforçar demasiado. A simples ideia de alguém magoar Julian deixava-a furiosa, e por vezes isso incluía-a a ela própria.

– Isto é por causa das abelhas no teu quarto? – perguntava Mark, enquanto avançava para Tiberius. – Sabes muito bem por que tivemos de nos livrar delas!

– Assumo que o fizeste para me contrariar – respondeu Ty. Era pequeno para os seus dez anos, mas tinha o vocabulário e a dicção de um adulto de oitenta. Como regra, não mentia, sobretudo porque não compreendia a necessidade de o fazer. Não compreendia a razão por que algumas das coisas que fazia irritavam ou perturbavam as pessoas, e achava as reacções que provocava confusas ou assustadoras, consoante o seu próprio estado de espírito.

– Não foi para te *contrariar*. Não podes ter abelhas no teu quarto...

– Estava a estudá-las! – explicou Ty, o rosto pálido a ficar corado. – Era importante, e elas eram minhas amigas, e eu sabia o que estava a fazer.

– Como sabias o que estavas a fazer com a cascavel, da outra vez? – disse Mark. – Por vezes tiramos-te coisas porque não queremos que te magoes; eu sei que é difícil de compreender, Ty, mas nós amamos-te.

Ty olhou para ele com uma expressão vazia. Sabia o significado de «amor», e sabia que era uma coisa boa, mas não compreendia por que havia de ser uma explicação para tudo e mais alguma coisa.

Mark dobrou-se para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos, para colocar os olhos ao nível dos do irmão.

– *Okay*, vamos fazer o seguinte...

– Ah!

Emma tinha conseguido deitar Julian de costas e arrancara-lhe a estela da mão. Ele riu, a debater-se até que ela lhe prendeu o braço contra o chão.

– Desisto – disse Julian. – Desis...

Estava a rir, e Emma foi de repente abalada pela percepção de que a sensação de estar deitada em cima de Jules era... bem, estranha, e também pela compreensão de que o rosto dele, como o de Mark, tinha uma forma bonita. Redondo e arrapazado e muito familiar, mas quase conseguia ver através da cara que ele tinha naquele momento a cara que *viria* a ter quando fosse mais velho.

O som da campainha da porta do Instituto ecoou pela sala. Era um carrilhão profundo, suave, como os sinos de uma igreja. Visto do exterior, o Instituto parecia aos olhos mundanos as ruínas de uma velha missão espanhola. Apesar de haver tabuletas com os dizeres PROPRIEDADE PRIVADA e PROIBIDA A ENTRADA espalhadas por todo o lado, havia por vezes pessoas – quase sempre mundanos dotados de uma pequena parcela de Visão – que arranjavam mesmo assim maneira de chegar até à porta.

Emma rolou de cima de Julian e sacudiu as roupas. Já não estava a rir. Julian sentou-se, apoiado nas mãos, com um brilho de curiosidade nos olhos.

– Está tudo bem? – perguntou.

– Bati com o cotovelo – mentiu ela, e olhou para os outros. Livvy observava Katerina, que lhe mostrava como pegar na faca, e Ty olhava para Mark e abanava a cabeça. Ty. Fora ela que lhe dera a alcunha quando ele nascera, porque, com dezoito meses, não conseguia dizer «Tiberius», e em vez disso chamava-lhe «Ty-Ty». Por vezes, perguntava a si mesma se ele se lembraria. Era estranho, as coisas que tinham importância para Ty e as que não tinham. Era impossível prevêê-las.

– Emma?

Julian inclinou-se para a frente e tudo pareceu explodir à volta deles. Houve um súbito e enorme clarão, e o mundo fora da janela tornou-se branco-dourado e vermelho, como se o Instituto se tivesse incendiado. Ao mesmo tempo, o chão balouçou como o convés de um navio. Emma deslizou para a frente no instante em que um grito horrível subiu do piso inferior – um grito arrepiante, irreconhecível.

Livvy arquejou, correu para Ty e rodeou-o com os braços, como se pudesse enrolar o seu corpo à volta do dele e protegê-lo. Livvy era uma das pouquíssimas pessoas que Ty não se importava que lhe tocassem; estava de olhos muito abertos, com uma das mãos presa na manga da camisa da irmã. Mark já se tinha endireitado; Katerina estava pálida sob a massa de caracóis escuros.

– Fiquem aqui – disse a Emma e a Julian, enquanto desembainhava a espada que trazia à cintura. – Tomem conta dos gémeos. Mark, vem comigo.

– Não! – gritou Julian, pondo-se de pé. – Mark...

– Vai correr tudo bem, Jules – disse Mark, com um sorriso tranquilizador. Já tinha uma adaga em cada mão. Era rápido e hábil com facas, a sua pontaria infalível. – Fica com Emma – acrescentou, com um aceno de cabeça aos dois, e desapareceu atrás de Katerina. A porta da sala de treino fechou-se.

Jules aproximou-se de Emma, pegou-lhe na mão e ajudou-a a pôr-se de pé; ela quis fazer-lhe notar que estava ótima e podia muito bem levantar-se sozinha, mas não o fez. Lá de baixo veio o som de outro grito e o barulho de vidros a estilhaçarem-se. Com três rápidas passadas, Emma chegou

junto dos gémeos; estavam imóveis, como duas pequenas estátuas. Livvy tinha cor de cinza; Ty agarrava-se-lhe à camisa com dedos enclavinados.

– Vai correr tudo bem – disse Jules, pousando a mão entre as magras omoplatas do irmão. – Seja o que for...

– Não fazes ideia do que é – disse Ty, destacando bem as palavras. – Não podes dizer que vai correr bem. Não *sabes*.

Nesse momento, ouviram outro som. Pior do que um grito. Um uivo terrível, selvagem e mau. *Lobisomens?*, pensou Emma, confusa, mas já tinha ouvido o grito dos lobisomens; aquilo era muito mais negro, muito mais cruel.

Livvy encolheu-se contra o ombro de Ty. Ele ergueu o rosto pequeno e pálido e os seus olhos desviaram-se de Emma e pousaram em Julian.

– Se nos escondermos aqui – disse –, e se seja o que for que está lá em baixo nos encontrar, e se fizer mal à nossa irmã, a culpa será tua.

Livvy tinha a cara escondida nas costas de Ty; o rapaz falara numa voz suave, mas Emma não duvidava de que quisera dizer o que dissera. Apesar do seu assustador intelecto, apesar do seu alheamento e indiferença em relação às outras pessoas, era inseparável da sua gémea. Se Livvy adoecia, Ty dormia aos pés da cama dela; se Livvy se arranhava, Ty entrava em pânico; e a recíproca era verdadeira.

Emma viu as emoções contraditórias perpassarem pelo rosto de Julian; os olhos dele procuraram os seus, e ela fez-lhe um aceno de concordância quase imperceptível. A ideia de ficar na sala de treino e esperar que o que quer que fosse que tinha feito aquele som os encontrasse fazia-a sentir-se como se estivessem a arrancar-lhe a pele.

Julian atravessou a sala e voltou com uma besta e duas adagas.

– Tens de largar a Livvy, Ty – disse, e, passados instantes, os gémeos separaram-se. Jules entregou uma das adagas a Livvy e ofereceu a outra a Tiberius, que ficou a olhar para ela como se fosse uma coisa alienígena. – Ty – continuou Jules, baixando a mão –, por que tinhas abelhas no teu quarto? Por que gostas delas?

Ty não respondeu.

– Gostas da maneira como trabalham em conjunto, certo? Pois bem, agora vamos ter de trabalhar em conjunto. Vamos chegar ao escritório e fazer uma chamada para a Clave, *okay*? Um pedido de socorro. Para que mandem alguém que nos proteja.

Ty estendeu a mão para a adaga com um aceno de cabeça.

– É o que teria sugerido se Mark e Katerina me dessem ouvidos.

– Ele ter-te-ia dado ouvidos – disse Livvy. Tinha pegado na adaga com muito mais confiança do que Ty, e empunhava-a como se soubesse o que fazer com ela. – Era no que estava a pensar.

– Vamos ter de ser muito silenciosos – disse Jules. – Vocês os dois vão seguir-me até ao escritório. – Ergueu os olhos; o seu olhar encontrou o de Emma. – Emma vai buscar Tavvy e Dru e vai lá ter connosco. *Okay?*

O coração de Emma estremeceu e mergulhou como uma ave marinha. Octavian – Tavvy, o bebé de apenas dois anos. E Dru, de oito, demasiado novos para iniciarem o treino físico. Claro que alguém tinha de ir buscá-los. E os olhos de Jules estavam a suplicar.

– Sim – disse. – É o que vou fazer.



Tinha *Cortana* a tiracolo, às costas, e uma faca de lançar na mão. Parecia-lhe sentir o metal latejar-lhe nas veias como o pulsar de um coração enquanto deslizava pelo corredor do Instituto, colada à parede. De tantos em tantos metros, a parede era interrompida por janelas, e a visão do mar azul e das montanhas verdes e das tranquilas nuvens que pairavam no céu parecia querer chamá-la, tentadora. Pensou nos pais, algures na praia, sem fazerem ideia do que acontecia no Instituto. Desejava que estivessem ali, e ao mesmo tempo sentia-se contente por não estarem. Pelo menos, encontravam-se a salvo.

Localizava-se na parte do Instituto que lhe era agora mais familiar: os aposentos da família. Passou pelo quarto vazio de Helen: roupas amontoadas e a colcha coberta de pó. Passou pelo quarto de Julian, que tão bem conhecia por lá ter dormido milhões de vezes, e pelo de Mark, cuja porta estava fechada. O quarto seguinte era o do senhor Blackthorn, e ao lado ficava o das crianças. Inspirou fundo e empurrou a porta com o ombro.

O espectáculo que se lhe deparou no pequeno quarto de paredes pintadas de azul arregalou-lhe os olhos. Tavvy estava no berço, as pequenas mãos agarradas às grades, as faces vermelhas de choro. De costas para o berço, Drusilla empunhava uma espada – sabia o Anjo onde teria ido arranjá-la – e apontava-a para ela. A mão tremia-lhe tanto que a ponta da espada descrevia círculos no ar; as tranças espetavam-se-lhe de ambos os

lados da cara gorducha, mas a expressão nos seus olhos Blackthorn era de férrea determinação: *não te atrevas a tocar no meu irmão.*

– Dru – disse Emma, no tom mais suave de que foi capaz. – Dru, sou eu. Jules mandou-me buscá-los.

Dru largou a espada, que caiu no chão com um som metálico, e desfez-se em lágrimas. Emma passou por ela, tirou o bebé do berço com o braço livre e enganchou-o na anca. Tavvy era pequeno para a idade, mas mesmo assim pesava uns bons onze quilos; fez uma careta quando ele se lhe agarrou aos cabelos.

– Memma – disse Tavvy.

– Chiu. – Emma beijou-lhe o alto da cabeça. Cheirava a pó de bebé e a lágrimas. – Dru, agarra-te ao meu cinto, *okay*? Vamos para o escritório. Lá estaremos em segurança.

Dru agarrou-se com as pequenas mãos ao cinto de armas de Emma; já tinha parado de chorar. Os Caçadores de Sombras não choravam muito, nem sequer quando tinham oito anos.

Emma levou-os para o corredor. Os sons que vinham do piso inferior eram agora piores. Os gritos continuavam, o uivo profundo, o barulho de vidro a estilhaçar-se e de madeira a ser arrancada. Emma avançava com cuidado, a agarrar Tavvy, a repetir num murmúrio que estava tudo bem, que ele ia ficar bem. E havia mais janelas, e a luz do Sol entrava por elas com uma violência maldosa, quase a cegá-la.

*Estava cega, pelo medo e pelo clarão do Sol; era a única explicação para ter-se enganado no caminho. Meteu por uma passagem e, em vez de encontrar-se no corredor que esperava, deu por si no topo da larga escadaria que descia até ao átrio e às grandes portas duplas do edifício.*

O átrio estava cheio de Caçadores de Sombras. Alguns, que reconheceu, eram os Nefelins do Conclave de Los Angeles, vestidos de preto, mas havia outros com roupas encarnadas. Havia filas de estátuas, agora tombadas, e os pedaços e o pó espalhavam-se pelo chão. A grande janela panorâmica que dava para o mar tinha sido estilhaçada, e havia vidro partido e manchas de sangue por todo o lado.

Emma sentiu o estômago dar-lhe uma volta. No meio do átrio estava uma alta figura vestida de escarlate. Tinha cabelos louros muito claros, quase brancos, e o seu rosto fazia lembrar o rosto esculpido em mármore de Raziel, só que despojado de misericórdia. Os olhos eram negros como

carvão e empunhava com uma mão uma espada gravada com um padrão de estrelas; com a outra segurava uma taça feita de refulgente *adamas*.

A visão da taça fez surgir uma recordação na mente de Emma. Os adultos não gostavam de falar de política na proximidade dos Caçadores de Sombras mais jovens, mas ela sabia que o filho de Valentine Morgenstern tinha adoptado um nome diferente e jurara vingança contra a Clave. Sabia que ele tinha feito uma taça que era o inverso da Taça do Anjo, que transformava Caçadores de Sombras em criaturas más, demoníacas. Ouvira o Andrew Blackthorn chamar aos Caçadores de Sombras transformados os Ensombrados, e dizer que preferia morrer a tornar-se um deles.

Era ele, portanto. Jonathan Morgenstern, a quem todos chamavam Sebastian: uma figura tirada de um conto de fadas, uma história contada para assustar crianças que ganhara vida. *O filho de Valentine*.

Apoiou a mão na nuca de Tavvy e apertou a cara dele contra o ombro. Não conseguia mexer-se. Era como se lhe tivessem atado pesos de chumbo aos pés. À volta de Sebastian havia Caçadores de Sombras vestidos de preto e de encarnado, e figuras envoltas em capas negras... seriam também Caçadores de Sombras? Não saberia dizer, tinham os rostos escondidos, e havia Mark, com as mãos presas atrás das costas por um Caçador de Sombras vestido de encarnado. As duas adagas que empunhara estavam caídas no chão e as suas roupas de treino sujas de sangue.

Sebastian ergueu uma mão e dobrou um dedo comprido e branco.

– Tragam-na – disse; houve uma agitação no meio do grupo, e Andrew Blackthorn avançou, arrastando Katerina consigo. Ela lutava, batia-lhe com as duas mãos, mas ele era demasiado forte. Emma viu-o, cheia de incrédulo horror, obrigar Katerina a ajoelhar. – Agora – continuou Sebastian, numa voz suave como seda – bebe da Taça Infernal.

E enfiou o rebordo da taça entre os dentes de Katerina.

Foi então que Emma compreendeu o que era o horrível uivo que tinha ouvido. Katerina tentava libertar-se, mas a sua luta era inútil; Sebastian abriu-lhe os lábios à força, e Emma viu-a engasgar-se e engolir. Sacudiu-se, e dessa vez Andrew Blackthorn deixou-a; estava a rir, e Sebastian também. Katerina caiu no chão, sacudida por espasmos, e da garganta brotou-lhe um único grito. Pior do que um grito, um uivo de dor como se a alma estivesse a ser-lhe arrancada do corpo.



Uma gargalhada ecoou pelo átrio; Sebastian sorriu, e havia nele qualquer coisa de horrível e belo, como havia qualquer coisa de horrível e belo nas serpentes venenosas e nos grandes tubarões brancos. Estava flanqueado por dois companheiros, apercebeu-se Emma: uma mulher de cabelos castanhos que começavam a ficar grisalhos e que empunhava um machado, e uma alta figura envolta numa capa negra. Nenhuma parte do corpo era visível, excepto as pontas dos pés calçados com botas pretas que espreitavam por debaixo da orla da capa. Só a sua altura e constituição levaram Emma a pensar que era um homem.

– Era o último dos Caçadores de Sombras aqui em baixo? – perguntou Sebastian.

– Há o rapaz, Mark Blackthorn – disse a mulher que estava a seu lado, erguendo um dedo e apontando para Mark. – Já deve ter idade suficiente.

Sebastian olhou para Katerina, que tinha cessado de se contorcer e jazia imóvel, os cabelos negros emaranhados sobre a cara.

– Levanta-te, irmã Katerina – disse. – Vai buscar Mark Blackthorn e trá-lo até mim.

Emma viu, petrificada, Katerina pôr-se lentamente de pé. Katerina era professora no Instituto desde que se lembrava; era professora deles quando Tavvy nascera, quando a mãe de Jules morrera, quando ela iniciara o seu treino físico. Tinha-lhes ensinado línguas e tratado golpes e desinfestado arranhões e dera-lhes as suas primeiras armas; fora como um membro da família, e naquele momento avançava, de olhos vazios, por entre os destroços que cobriam o chão e estendia a mão para agarrar Mark.

A exclamação abafada de Dru quebrou aquela espécie de feitiço. Rodou sobre os calcanhares e colocou Tavvy nos braços da irmã, que cambaleou um pouco mas conseguiu recompor-se, a agarrá-lo com força.

– Corre – disse-lhe Emma. – Corre para o escritório. Diz a Julian que eu já lá vou ter.

A veemência da voz de Emma era peremptória. Drusilla não discutiu; apertou Tavvy ainda com mais força e correu, os seus pés pequenos e descalços silenciosos no chão do corredor. Emma voltou-se de novo para o horror que se desenrolava lá em baixo. Katerina estava atrás de Mark, a empurrá-lo para a frente, a ponta de uma adaga encostada ao espaço entre as omoplatas dele. Mark cambaleou e quase caiu de joelhos em frente de Sebastian; estava agora mais perto da escada, e Emma viu que tinha

lutado. Tinha ferimentos defensivos nos pulsos e nas mãos, golpes na cara, e não houvera de certeza tempo para runas de cura. Tinha a face direita coberta de sangue. Sebastian olhou para ele, os lábios contorcidos num esgar de irritação.

– Este não é Nefelim puro – disse. – É parte fada, não é verdade? Por que razão não fui informado?

Houve um murmúrio.

– Significa isso que a Taça não resultará nele, Senhor Sebastian? – perguntou a mulher de cabelos castanhos.

– Significa que não o quero – respondeu Sebastian.

– Podíamos levá-lo para o vale de sal – insistiu a mulher. – Ou para as alturas de Edom, e sacrificá-lo para prazer de Asmodeus e Lilith.

– Não – disse Sebastian, devagar. – Não, não seria sensato, penso, fazer uma coisa dessas a alguém que tem sangue da corte das Fadas.

Mark cuspiu-lhe.

Sebastian pareceu espantado. Voltou-se para o pai de Julian.

– Vem segurá-lo – disse. – Podes feri-lo, se quiseres. A minha paciência para com o teu filho mestiço é limitada.

Andrew Blackthorn avançou, empunhando uma espada de dois gumes. A lâmina já estava manchada de sangue. Os olhos de Mark esbugalharam-se de terror. A espada subiu...

A faca de lançar voou da mão de Emma. Silvou pelo ar e cravou-se no peito de Sebastian Morgenstern.

Sebastian recuou um passo, a cambalear, e Andrew Blackthorn baixou a mão que empunhava a espada. Os outros gritavam; Mark levantou-se de um salto enquanto Sebastian olhava para o cabo da faca que lhe sobressaía do peito, à altura do coração. Franziu a testa.

– Au – disse, e arrancou a faca. A lâmina estava suja de sangue, mas Sebastian não parecia incomodado pela ferida. Atirou a faca para o chão e olhou para cima. Emma sentiu na pele aqueles olhos escuros e vazios, como o toque de dedos frios. Sentiu-o medi-la, avaliá-la e conhecê-la, e então descartá-la.

– É uma pena não ires viver – disse-lhe ele. – Viver para dizer à Clave que Lilith me fortaleceu para lá de toda a medida. Talvez a *Gloriosa* pudesse pôr fim à minha vida. É uma pena para os Nefelins não poderem pedir mais favores ao Céu e nenhum dos míseros instrumentos de guerra que

forjam na Cidadela de Diamante poder agora fazer-me mal. – Voltou-se para os outros. – Matem a rapariga – ordenou, enquanto sacudia com um ar enojado o casaco sujo de sangue.

Emma viu Mark saltar para a escadaria, a tentar chegar até ela, mas a figura vestida de negro ao lado de Sebastian já o tinha agarrado e estava a puxá-lo para trás com as mãos enluvadas; aqueles braços rodearam Mark e prenderam-no, quase como que a protegê-lo. Mark debatia-se, e então Emma deixou de o ver quando os Ensombrados começaram a subir os degraus.

Voltou-se e correu. Aprendera a correr nas praias da Califórnia, onde a areia se mexia debaixo dos seus pés a cada passo, de modo que, em terreno firme, era rápida como o vento. Voou pelo corredor, os cabelos a drapejar atrás de si, saltou meia dúzia de degraus, virou à direita e entrou no escritório. Fechou a porta e correu o ferrolho ainda antes de se voltar para ver.

O escritório era uma divisão de tamanho considerável, com as paredes ocupadas por estantes cheias de livros de referência. Havia outra biblioteca no piso superior, mas fora a partir dali que Andrew Blackthorn gerira o Instituto. Lá estava a sua secretária de mogno, e em cima dela dois telefones: um branco e outro preto. O auscultador do preto estava fora do descanso e Julian, que o tinha na mão, gritava para o bucal:

– Têm de manter o Portal aberto! Ainda não estamos todos a salvo! Por favor...

Atrás de Emma, a porta estremeceu e ressoou quando os Ensombrados se lançaram contra ela; Julian ergueu os olhos, assustado, viu Emma e deixou cair o auscultador. Ela olhou para ele, e para lá dele, para onde toda a parede do lado leste estava a brilhar. No centro havia um Portal, uma abertura rectangular através da qual via redemoinhantes formas prateadas, um caos de nuvens e vento.

Avançou a cambalear para Julian, que a agarrou pelos ombros. Apertou-lhe a pele com força, como que para convencer-se de que ela estava ali, ou de que era real.

– Emma – murmurou, e então começou a falar mais depressa. – Em, onde está Mark? Onde está o meu pai?

Ela abanou a cabeça.

– Eles não podem... Não consegui... – Engoliu saliva. – É Sebastian Morgenstern – disse, e encolheu-se quando a porta voltou a abanar sob

um novo assalto. – Temos de ir buscá-los... – continuou, e voltou-se, mas Julian já lhe tinha agarrado o pulso.

– O Portal! – gritou ele, acima do uivo do vento e das pancadas na porta.  
– Dá para Idris! A Clave abriu-o! Emma... só vai continuar aberto mais alguns segundos...

– Mas... o Mark... – disse, apesar de não fazer a mínima ideia do que podiam fazer, de como iam abrir caminho por entre os Ensombrados que enchiam o corredor, ou de como poderia derrotar Sebastian Morgens-tern, que era mais poderoso do que qualquer vulgar Caçador de Sombras.  
– Temos de...

– *Emma!* – gritou Julian, e então a porta cedeu e os Ensombrados irromperam no escritório. Emma ouviu a mulher de cabelos castanhos gritar atrás de si, qualquer coisa a respeito de como os Nefelins haviam de arder, haviam de arder todos nos fogos de Edom, arderiam e seriam destruídos...

Julian saltou para o Portal, arrastando Emma por uma mão; depois de um aterrorizado olhar para trás, ela deixou-o puxá-la. Encolheu-se quando uma seta passou a zunir junto à sua cabeça e estilhaçou uma janela à direita. Julian agarrou-a, frenético, envolveu-a nos braços. Emma sentiu os dedos dele enclavinharem-se nas costas da camisa enquanto os dois caíam para a frente, no Portal, e eram engolidos pela tempestade.